

Wilfred Bion

Autobiografia e poética

Anne Lise Di Moisè Sandoval Silveira Scappaticci,¹ São Paulo

Resumo: A autora traz à luz o manejo e a necessidade literária e cultural do analista para o desenvolvimento de uma capacidade de apreensão poética de elementos que, a princípio, são esparsos, fora do senso comum e que passam a fazer parte de sua epistemologia pessoal. Ilustra essa ideia a partir de trechos de poetas citados por Bion em sua autobiografia que consubstanciam sua própria metapsicologia.

Palavras chave: poesia, epistemologia, autobiografia, estética, psicanálise

Bion escreveu seus trabalhos autobiográficos após ter escrito grande parte de sua obra e vivido sua vida, num certo sentido é uma reescrita, uma ficção num *après coup*, de sua vida vivida no interior de sua própria escrita. O encantamento, a beleza, o mistério e o terror diante do contato com a sua vida mental, a descoberta da câmara virginal em que os pensamentos tomam suas formas, “câmara do pensamento virginal” (Keats, 1819). É uma atividade autopoética, autocrítica, possibilidade, sempre presente. A psicanálise surge como pré-concepção do *self*, uma essência de si desde a origem: ir em busca de quem somos nós; uma “habilidade humana em potencial” (Chuster, 2011).

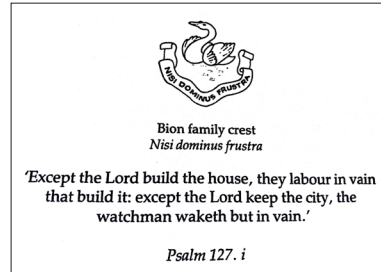
Nisi dominus frustra, “sem Deus, nada tem significado”, Bion introduz o livro *The long weekend* (1982) com a imagem do brasão de sua família e da cidade de Edimburgo.

1 Analista didata e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora em saúde mental pelo departamento de psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp). Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Roma La Sapienza. Pós-doutora pelo programa de psicologia clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Editora da revista *Ide*.

Inscrito no brasão está o Salmo:

Salmo 127.i

Se o senhor não constrói a casa,
Os construtores trabalham em vão;
Se o senhor não cuida da cidade,
De nada adianta a vigília dos guardas.
(Bíblia, p. 432)



Retoma, assim, a ideia de retorno à própria origem, uma visão interior, um enxergar a infinitude e ser “ser humano”, ser quem se é. Aqui, e em toda sua obra, esse autor nos traz as origens literárias do modelo psicanalítico da mente já que, como ele mesmo dizia, os poetas românticos foram os primeiros psicanalistas, ou ainda, como afirmou Shelley, “os legisladores não reconhecidos do mundo” (Uma defesa da poesia e outros ensaios 1792-1722). A visão subjetiva do analista tem sua inspiração em suas fontes interiores que são assim continuamente legisladas nas realizações cotidianas com nossos analisandos. Com frequência o autor cunha palavras, utiliza termos antigos, do Bhagavad Gita, que mostram sua origem indiana, como o famoso diálogo entre Arjuna e Khrishna sobre a devoção à consciência espiritual antes da batalha,² além dos salmos e hinos religiosos do Velho Testamento, a literatura clássica, Imperador Adriano, Homero, Virgílio, o pré-romantismo e romantismo inglês, Milton, Shakespeare, Keats, Coleridge, Wordsworth, entre muitos outros poetas e autores, Siegfried Sassoon e Robert Graves, poetas ligados à primeira guerra, Lewis Carroll, Hermann Melville, Robert Browning, Edgar Allan Poe, patrimônio universal de todos, algo da sua/nossa infância, repertório conhecido num manejo novo e cuidadoso, de cada expressão, que aparece de repente, de modo não usual e surpreendente. Arrasta, assim, o leitor para o assombro da experiência. Procura estimular o outro (o analista) a reinventar-se, na busca de dar

2 Batalha de Kurukshetra ocorrida há mais de cinco mil anos faz alusão uma batalha interior acontecendo dentro de nós diariamente. <http://misticismonaturalmn.blogspot.com/2018/12/o-celebre-dialogo-entre-krishna-e-o.html?m=1>.

conta de si mesmo, de sua alma, de sua pena e de seu entorno... O leitor torna-se um autor, uma “autor-idade” frente a si mesmo.

A distância entre os vértices no indivíduo e no grupo é o pano de fundo desse romance autobiográfico, assim como a tensão entre os opostos nos cantos da inocência e da experiência de William Blake, ou ainda, como descreveu John Milton, a respeito da relação entre o *self* e Deus em seus sonetos. A descrição é de seu canto poético, de seu *taming wild thoughts*; Bion, mais velho, reinventou-se nos olhos de um menino. Um garoto extremamente sensível e atento ao funcionamento mental em si mesmo e na relação com seu grupo. (Scappaticci, 2018)

Essa busca de um método próprio, de descoberta de uma epistemologia pessoal, como o próprio Édipo estava na encruzilhada da vida entre curiosidade e arrogância, manter ou não a contínua indagação e inquietude, modificar ou fugir da realidade, encontra-se a poesia favorita que Bion recitava quando criança de Rudyard Kipling, *The Elephants' Child*. Kipling, assim como Forster e outros autores, viveu a cultura dos ingleses nascidos fora da Inglaterra. Bion na introdução de seu livro que reúne seus trabalhos do período denominado por alguns autores como fase epistemológica, *The Seven Servants*,³ cita a poesia.

Os sete pilares da sabedoria são:

Eu tinha seis honestos serviçais
Eu os ensinei tudo o que sabia
Seus nomes eram O quê, Porquê, Quando, Como, Quem, Onde
Eu os enviei a leste e oeste
Mas após terem trabalhado para mim
Eu dei a eles um descanso – e termina: aquele que falta completa os sete.
(Kipling citado por Bion, 1985, pp. 19)

Instinto epistemofílico. A pergunta que não cala. A autobiografia é uma descrição de um menino cheio de perguntas que, a um certo ponto, desiste de perguntar? Como todos nós que buscamos a psicanálise, Bion

3 *Aprendendo com a experiência* (1962), *Elementos de psicanálise* (1963), *Transformações* (1965), *Atenção e interpretação* (1970).

tornou-se psicanalista para continuar fazendo perguntas. Afinal, todos temos direito a uma segunda chance!

Assim, em sua obra, o objeto psicanalítico também é uma pergunta que não cala, uma pré-concepção original inacessível por completo em busca de realização pelo resto da vida. Na fórmula que Bion elabora, a realização se dá num espectro entre um polo narcisista de menos crescimento – menos Y (que se lê, *why*) – e um polo social-ista, mais Y – mais *why* –, mais perguntas, maior ampliação. A narrativa poética psicanalítica surge no *gap*, na falta, na ausência, sustentando as perguntas. Ou, como diria Blake, o analista é como o poeta, apenas o secretário, os autores estão na eternidade (1803). Luca Trabucco (2021) descreve a atividade do psicanalista como ποιησις, poiesis, uma epistemologia poética investigativa da verdade sobre si mesmo, ou seja, dar-se conta dos próprios meios de conhecimento da realidade, interna e externa.

O desenvolvimento de uma capacidade supra lexical ou musical ou ideográfica, uma captação, como ele escreveu em *Memórias do futuro*, supra e infra sensorial, a capacidade poética do analista está presente em Bion, junto aos seus pacientes psicóticos ou ao paciente gago, cujo relato se encontra na segunda Grade (1971), e em toda sua obra. A análise se move pelo verso, como música na pauta, criando um significado, por meio de sua forma, e não simplesmente pelo seu conteúdo representativo.

Na plethora de elementos beta esparsos que assistimos aglomerar-se e dissipar-se como nuvens carregadas, *containers* (Civitarese, 2008), mesmo em seus trabalhos mais acadêmicos, na autobiografia ganham expressividade direta, uma aproximação poética.

Gostaria, portanto de trazer à luz – não somente o manejo e a necessidade literária e cultural deste analista, como, aliás, de todos nós, quanto ao estímulo trazido pelo mesmo – o desenvolvimento de uma capacidade de apreensão poética do próprio analista de elementos que, a princípio, são esparsos, fora do senso comum e que passam a ser transformados esteticamente em poesia. Uma atividade autopoética, uma autobiografia.

A pungência do texto, assim como de certos versos e de momentos nas sessões, o torna praticamente intraduzível. Como proposto por Haroldo de Campos toda a literatura é fruto de transmigração,

transcrição. Ele afirma numa entrevista: “prefiro a vanguarda à retaguarda. Mesmo que não use o conceito de vanguarda e sim de invenção, terei Camões, Goethe e Dante como inventores da linguagem”. E acrescenta: “Na medida que a Bíblia é um grande poema, inovador, e para muitos, divino, Deus é um poeta da vanguarda” (1991).

No romance autobiográfico Bion nos conta a trajetória do herói, do Infante rumo ao autoconhecimento, rumo à luz e, como diz Meg Williams, de seu quase sempre iminente naufrágio. Temos na autobiografia um clima desalentado e severamente crítico: *not a soul to tell/ Why you art desolate* (nem uma alma para dizer, por que estás desolado, Shakespeare, Antonio e Cleópatra, ato 3, cena XIII).⁴ Cada início de capítulo funciona como um prelúdio da jornada do herói em sua arriscada aposta de um contato consigo mesmo.

Eu era agora muito consciente do meu ser, mas o ser do qual eu tinha consciência – tímido, taciturno – não era digno de mim mesmo. Eu adorava uma foto em que eu estava correndo rapidamente, rindo prazerosamente, provavelmente sendo perseguido pelo meu pai ou minha mãe. *Aquela*, eu gostava de pensar, era como eu me parecia – não o objeto abatido e deprimidamente que eu vi por tantos anos. Eu nunca mais me vi assim, mas ainda existia aquela fotografia; eu devo ter parecido daquela maneira por um ou dois momentos em toda minha vida. Meu caráter, quando eu o vislumbra-va, era horrível – em contraste com meus desejos.

(Bion, 1982, p. 23)⁵

Hora de ir à escola para tirar essa besteira da cabeça – eu não tinha uma mente nessa época, apenas uma “cabeça”. Essa fase tinha mesmo um crepúsculo. Sem dúvida deveria ter sido a alvorada – o alvorecer da inteligência.

(Bion, 1982, p. 19)

4 *Eric or Little by Little – A tale of Roslyn School, de Frederic W. Farrar*, era um romance vitoriano de tom profundamente moralístico para meninos, no qual morrem multidões de meninos “maus”, inclusive o próprio Eric. Através desse personagem, o próprio Bion se apresenta: “a cada quarta-feira lembrávamos que alguém estava morrendo, a cada domingo, eu mesmo morria” (Bion, 1982, p. 36).

5 Todos os trechos da autobiografia são traduções livres da autora.

A descrição é do brilho visionário irradiando a percepção poética (*Wordsworth*) do pequeno Wilfred, não é algo inventado pela mente, como enfatizou Coleridge (1817, 1997, p. 91), mas percebido quando devidamente direcionado, o princípio da “moldagem da imaginação” (Williams, 2019, p. 42). Segundo Blake, se as portas da percepção fossem limpas, todas as coisas surgiriam aos homens como são, infinitas.

Examinei essa questão por completo – e outras como “o xarope dourado é mesmo de ouro?” – com minha mãe, e depois com meu pai, mas sem me satisfazer com nenhum dos dois. Conclui que minha mãe de fato não sabia; embora se esforçasse muito, ela parecia tão intrigada quanto eu. Foi mais complicado com meu pai; ele começava, mas parecia se cansar quando eu não entendia a explicação. O clímax veio quando eu fiz minha pergunta sobre o xarope dourado pela “centésima vez”. Ele ficou muito bravo. “Uau!”, disse minha irmã com apreciação. (Bion, 1982, p. 9)

Um dia estávamos todos juntos, cantando um hino, “Às vezes uma luz surpreende o cristão quando ele ora”. Minha mãe disse ao meu pai, deixando de lado o seu livro de hinos: “Eu acho que nunca ouvi falar de alguém que tenha tido essa experiência, você já, Fred?” Ela parecia triste. Depois de pensar por um momento, meu pai respondeu, pouco à vontade: “Sim, acho que sim, mas eu não tive”.

Eu estava assistindo, ouvindo atentamente. Por que eles estavam tão tristes? Coloquei minha mão na de minha mãe para confortá-la. Eles não tinham até aquele momento notado minha presença. O feitiço foi quebrado; minha mãe acariciou meu cabelo e o assunto não foi retomado. Estranho. Muitas vezes me perguntei qual era a questão.

“Por que você está triste mamãe?” Perguntei-lhe mais tarde; ela riu dispensando a sugestão. “Sim”, eu insisti, “você sabe - as surpresas de luz”, eu lembrei a ela.

“Algum dia você vai entender – quando você for adulto”, disse ela.

“Mas”, eu insisti, “você é adulta e disse que não entendeu”. Ela corou um pouco e riu. Aquela risada desconfortável! Não arf, arf, arf, como os homens no clube quando pedi a um deles um sorvete. Aquilo deixou meu pai com raiva. As pessoas se zangavam muito rapidamente e, de repente, especialmente sobre coisas legais como sorvete, deitar de barriga para baixo e “esfregar-se”. Eu pensei que seria melhor evitar “surpresas de luz” também. (Bion, 1982, p. 24)

O poeta dentro do analista exorta a abrir a janela e, como recita William Blake,

Augúrios da inocência

Enxergar um mundo
Num grão de areia
E o céu como uma flor do campo
Segurar o infinito
Na palma de sua mão
Capturar a eternidade numa hora...
Eu não descanso da minha grande tarefa
Abrir os mundos eternos
Abrir os olhos imortais do homem
Para dentro do mundo do seu pensamento
(Blake, 1789-1794/2004, pp. 76-79)

Em um trecho da escola na Índia, o pequeno Bion visa tentar uma discriminação frente ao estranhamento: está chovendo lá fora e Wilfred quer que o grupo da escola toque “Sol esplendente”: “sei que o meu redentor vive e no último dia estará em pé sobre a terra” (Bion, 1982, p. 41). Ele acrescenta esse trecho, tentando chegar mais para perto da vivência de alguém que descobre o descompasso entre dentro e fora de si mesmo, pode ser traduzido por: “porque sei que o meu vingador vive e no último dia estará em pé sobre a minha tumba” (Bion, 1982, p. 48). Parece que o estilo militar da música serve como elemento organizador, numa tentativa de permanecer coeso e integrado, nas palavras do autor, um exoesqueleto.

Sabemos que os analistas são descritos desde o início da psicanálise por Anna O como *chimney sweepers*, limpadores de chaminés, arqueólogos, escavadores e profanadores de cemitérios, iluminando o surgimento de pensamentos novos ou não nascidos. Estes últimos, porém, podem morrer, se não conseguirem despontar. Entrar em contato com o psiquismo é viver o terror frente à angústia de catástrofe de um ritmo único, um palpar de si mesmo, não se transformar em ritmo poético. Ser ou não ser, eis a questão:

Será mais nobre suportar na mente
As flechadas da trágica fortuna,
Ou tomar armas contra um mar de escolhos
E, enfrentando-os, vencer?
(Shakespeare, 1676. Monólogo de *Hamlet*, ato III, cena 1)

Algo muito arriscado, não livre de perigo, como no terceiro capítulo da autobiografia em que descreve a expedição de caça que coincide com seu aniversário, em 1903 (nasceu dia 8 de setembro de 1897), que é a ativação do pressuposto básico de luta e fuga. O mundo interior é descrito como *wild life*, uma caçada, alguns animais domados em nosso zoológico psicanalítico, outros animais indigestos que não podem ser sonhados ou que serão sonhados em nossos pesadelos. A autobiografia é como contar um sonho ou um naufrágio de um sonho, o naufrágio do sonhar, do pensamento.

A realidade última aparece em múltiplas perspectivas, *Arf Arfer*, na forma da distorção linguística do início do Pai Nosso em inglês *Our father which Art in Heaven*, e do Tigre em seu réquiem, ambos acionam o terror: evitar “O-rigem”, a luz, e permanecer imerso nos pressupostos básicos (dependência de acasalamento, luta e fuga, Bion, 1961) ou ainda, uma disposição a reverenciar (*awe*) diante da imensidão do psíquico. A mágica acústica do ronronar do tigre, como num pesadelo diurno da tigre fêmea cujo macho teria sido morto por seu pai, um exímio caçador, em sua fantasia. Aliás, no livro Bion faz referência a vários caçadores, tudo isso atinge seu clímax levando o menino a sentir o som nascendo e estremecendo a terra, e a tenda, como se ele estivesse dentro da barriga

do tigre. Outro modelo seria de Pinóquio dentro da baleia. Afinal, o som sai de dentro dele mesmo ou fora dele? Nosso próprio tumulto, tu-muito (*too much*)?

Naquela noite, *Arf Arfer* ficou aterrorizado “como o Rei dos Reis”. A caçada tinha matado um tigre e o corpo tinha sido levado para o nosso acampamento. Sua companheira veio reivindicá-lo e, durante as duas noites seguintes, o acampamento foi rodeado por fogueiras e tochas brilhantes para mantê-la fora. Com sua grande boca e cabeça direcionadas para o chão, de modo a disfarçar sua localização, ela rugia seu réquiem. Até o meu medo eu engoli totalmente em espanto, pois de dentro de nossa tenda parecia vir uma grande tosse e então um forte rugido da garganta da tigresa em luto. Toda aquela noite e na noite seguinte também isso continuou, enquanto até mesmo nossos cães mais corajosos tremiam, rosnavam e se encolhiam. Assim que o sol se punha, dando vez à orquestra da noite tropical, nós notávamos a presença desse som a mais. (Bion, 1982, p. 17)

Tyger, tyger, burning bright...
Dare frame thy fearful symmetry?
(Blake, 1789-1794/2004)

O deus da criatividade com seu martelo, dá ritmicamente forma ao tigre, linha por linha e, ao mesmo tempo, põe seu coração para pulsar... Mas o tigre-musa não pode ser “contido” pelo poeta. (Williams, 2019, p. 73)

Como uma espécie de precursor do encontro com o Tigre, o menino é presenteado por seu pai com um trem elétrico que para de funcionar.

Contei ao mensageiro que era um bom amigo meu, mas não engenheiro. Ele me tranquilizou e, mobilizando suas crenças religiosas, levou o trem para a barraca de suprimentos de cozinha. Lá ele o besuntou abundantemente com manteiga clarificada. “É a melhor manteiga” disse a Lebre de março. Então ele o deixou ao sol quente, dizendo-me que, depois de uma

hora ou mais, ele se moveria curado...” “Mais ou menos uma hora mais tarde, meu pai me encontrou sentado olhando-o. “Agora”, ele disse, “deixe-me pegá-lo e logo nós conseguiremos... Mas, o que é isso?” Ele o largou de repente para limpar os dedos melados com aquela coisa gordurosa. “Você fez isso?” Graças a Deus, não. *Arf Arfer* batendo suas grandes asas negras já tinha obscurecido o sol. Eu me encolhi. Temi. Queria avisar meu amigo mensageiro que fugisse correndo por sua vida antes que *Arf Arfer* o pegasse. (Bion, 1982, p. 16)

O método oriental e o ocidental, apresentação e representação. O oriente na potência evocativa da linguagem logográfica,⁶ das estruturas originárias da nossa mente, um registro misterioso não verbal anterior, efêmero, transitório e indizível.⁷ Seria uma ordenação do mundo entrelaçando diferentes direções pelo espírito dos argonautas, dos gregos, em busca da verdade em contraste com os conceitos de Confúcio em conformidade com um ideal zen budista? O *self* no poema (Bollas, 2013), sua sacralidade como forma expressiva na interação do Eu com o grupo. A fonte metapsicológica do analista se inspira nas narrativas de sua infância, como num processo onírico: imagens da nossa infância recorrentes em diferentes formas entrelaçadas por fantasias formatadas por experiências póstumas, o drama interno.

Guerra, primeiro capítulo:

O mundo estava todo lá, antes de mim. Os portões de ferro do meu paraíso ressoaram atrás de mim enquanto eu caminhava, sozinho, solitário, anônimo em minha glória, para enfrentar o amanhecer da liberdade que eu tinha aguardado por tanto tempo. Não tinha milhões de outras pessoas? Não; Só eu sabia o que era ser eu mesmo. Ninguém sabia do medo terrível, ninguém podia saber como se sente, quão terrível era a primeira noite na escola preparatória, Procurar-As-Escrituras-nas-aulas-de-domingo, os domingos no ginásio, rastejando sobre a trave horrível com o chão de cimento abaixo de nós,

6 Justaposição de imagens, dando origem ao ideograma e ao pictograma da função alfa de Bion.

7 Mente primordial como alguns autores denominam o último período de Bion.

e dos “sóis de verão estão brilhando”, mas *não* para mim. “Ah, de novo, não!” Exatamente, *não* novamente. Não mais, não, nunca mais. (Bion, 1982, p. 19)

Edgar Allan Poe com a precisão matemática narra em 108 versos o desespero do eu-lírico que perde a sua amada, *Leonor, never more*. Um corvo entra subitamente na casa do narrador e pousa sobre uma estátua, o busto de Pallas Atenas, considerada a deusa da sabedoria grega. O corvo e o eu-lírico, então, passam a dialogar:

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado, Ó velho
corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais”
Disse o corvo, “Nunca mais”. (Poe, 1845)

Bion descreve, então, o seu campo de guerra. Para fazê-lo, lembra-se da passagem de Shakespeare, em Henrique V, que reconhece a dificuldade de transmitir a guerra dos 100 anos, algo épico e multidimensional, num pequeno palco, o Coro evoca a Musa e pede aos expectadores que utilizem sua imaginação (*conjecturas imaginativas*) para suprir as deficiências de ordem material na transmissão do imaterial. William Blake em *Proverbs of Hell* também ilustra essa sucessão: *what is now proved was once only imagin'd* (Aquilo que foi provado, antes foi imaginado, 1790, 2008, p. 30).⁸

Para Piero Citati as musas “contam coisas passadas e futuras (porque o futuro também é passado), transportando-as para a linha ideal do presente... Têm a memória do futuro. O verdadeiro é simplesmente aquilo que não está escondido, que não está velado pelo esquecimento e pelo sono” (Citati, 2018, P. 48). Assim, Bion, ao terminar sua narrativa autobiográfica, cita Hamlet evocando a musa: “Nymph, in thy orisons be all my sins remembe-red” (Ninfa, em tuas preces, que todos os meus

8 *Proverbs of Hell*: “What is now proved was once only imagin'd.”... “Every thing possible to be believ'd is an image of truth,”“To create a little flower is the labour of ages.” (Blake, 2008, pp. 33-35).

pecados sejam lembrados)(Hamlet, III, i; Bion, 1991). Essa frase torna-se o título de seu segundo livro: *All my sins remembered*.

Aos 18 anos, Bion descreve sua curiosidade e seu terror onde o *Tanque* que tanto o fascinava parecia transformar-se em um personagem. O poderoso tanque em si. Ou ainda, poderíamos pensar na humanização atravessando a passagem do inanimado ao animado e vice-versa:

Bovington Camp em Wool onde vi meu primeiro Tanque.

“Ele”, bloqueava a estrada para o acampamento.

O dia estava quente, ensolarado, parado.

A estranha forma mecânica, imobilizada e imobilizante;

Queria fugir dali.

Uma martelada metálica veio de dentro dele;

Um soldado saiu

E o dia voltou à vida novamente.

(Bion, 1982, pp. 115)

Assim, a percepção da imensidão do inapreensível, infinito, em sua finitude, a descrição da batalha: “Todas as trincheiras inimigas estavam delineadas como baixas rebentações estilhaçadas. Era muito bonito – e muito mortífero” (Bion, 1982, p. 47). O analista precisa tolerar a impossibilidade de apreensão do todo. Uma lista do Tigre.

Bion termina o terceiro capítulo descrevendo o episódio da caça em sua infância com a imagem através da aba da tenda. O sol bate no chão, drenando a cor da grama e tornando tudo, além do círculo de luz, em um preto intenso. Nesse momento, a transcrição toma uma nova direção. O Eu poético muda de um Eu subjetivo, imerso na vivência da própria autobiografia, e passa ao narrador destacado e crítico, estabelecendo uma “pré-visão”, algo futurista, como num filme estilo *Blade Runner* ou num livro de Aldous Huxley, uma linguagem ficcional.

O autor finaliza:

Luz intensa; preto intenso; nada no meio; sem crepúsculo. Sol árduo e silêncio; noite negra e ruído violento. Rãs coaxando, pássaros martelando caixas

de lata, sinos soando, guinchando, gritando, rugindo, tossindo, berrando, zombando. *Naquela* noite, *aquele* é o mundo real e o barulho real. Quando os macacos superinteligentes com suas ferramentas superinteligentes tiverem se transformado em um estado ajustado e apropriado para proporcionar alimentação delicada aos futuros senhores e senhoras da criação, os supermicrobios sapiens, então os humanos que obstruem na terra alcançarão sua glória, as belíssimas cores da carne putrescente a apodrecer e feder e criar a nova aristocracia. (Bion, 1982, p. 18)

Estudando a autobiografia de Bion, escrita ao entardecer de sua vida, um senhor revisitando e publicando-se em passagens de sua aurora, penso a psicanálise como atividade autobiográfica, para o analista e para o analisando. Essa é a “psicanálise pra valer”. A memória, sabemos, e a procura de autoentendimento, pouco nos interessa, o que importa, se possível, é “viver” a vida, viver a sessão.

No texto de Bion encontro-me sensibilizada pelas várias citações delicadas e comoventes. A citação *en passant* do imperador Adriano que escreveu *Anímula*, às portas da morte. Na tradução, Ivan Pérsio de Arruda Campos cita seu pai, Haroldo de Campos, que também, em seus últimos dois anos de vida, desejava traduzir alguns poemas romanos da época de prata. Finalizo meu texto como quem chama a musa, inspiração na minha escrita de passarinho:

Anima vágula blândula,
Do corpo sempre hóspede e amiga
Prá onde vais agora? Lugares
Tão pálidos gélidos núdulos...
... e não mais nos dás logojogos.
(Imperador Adriano, 76 d. C.)

Ao contrário do que muitos supõem, a autobiografia de Bion não é um livro autobiográfico no sentido estrito da palavra. São perguntas que não cessam de assombrar. Qual é a relação entre a verdade factual, a memória biográfica, e a verdade imaterial, a autobiografia? Qual é a

chance, em nosso trabalho como psicanalistas, de “escrevermos” uma verdadeira autobiografia?

Bion já nos adverte, na introdução do livro *The long weekend*:

Qualquer um poderia “saber” sobre que escola, regimento, sobre quais colegas, amigos eu escrevo. Em todos os sentidos exceto os mais superficiais eles estariam errados. Eu escrevo sobre “mim”. Eu o faço tão deliberadamente porque tenho consciência de que isso é o que eu faria de qualquer maneira. “Também estou mais próximo de alcançar minhas ambições se escrever sobre a pessoa que conheço melhor do que qualquer outra – eu mesmo”.

(Bion, 1982b, p. 8).

Assim como em Nietzsche, Bion volta aos pré-socráticos, a pré-linguagem, para o período no qual não nos esforçávamos para eliminar as contradições da vida através de interpretações perfeitas. O convívio entre o ser e o não ser pode ser feito apenas através do recurso poético e, portanto, a psicanálise não deixa de ser uma forma de arte.

Wilfred Bion: autobiografía y poética

Resumen: La autora saca a la luz el manejo y la necesidad literaria y cultural del analista son el desarrollo de una autora de capacidad de aprehensión poética que, en un principio, escaso, fuera de la parte común y que van haciendo de su epistemología personal. Ilustra esta idea a partir de extractos de poetas citados por Bion en su autobiografía que fundamentan su propia metapsicología.

Palabras clave: poesía, epistemología, autobiografía, estética, psicoanálisis

Wilfred Bion: autobiography and poetica

Abstract: The author brings to light the handling and the literary and cultural need of the analyst for the development of a capacity for poetic apprehension of elements that, at first, are sparse, outside common sense and that become part of his personal epistemology. She illustrates this idea from excerpts from poets quoted by Bion in his autobiography that substantiate his own metapsychology.

Keywords: poetry, epistemology, autobiography, aesthetics, psychoanalysis

Referências

- Bion, W. R. (1982). *La lunga attesa. Autobiografia – 1897-1919* (B. Draghi, Trad.). Astrolabio. (Trabalho original publicado em 1982). [*The long weekend – 1897-1919. Part of a Life.* Fleetwood Press Abingdon]
- Bion, W. R. (1991). All my sins remembered. Another part of a life. In F. Bion (Ed.), *Family Letters*. Karnac.
- Blake, W. (2004). *The complete poems* (A. Ostroker, Ed.). Penguin.
- Bollas, C. (2013). *China on the mind*. Routledge.
- Campos, H. (1991). Entrevistas: Haroldo de Campos e a transcrição. Recuperado em 2014, Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=4190>
- Citati, P. (2018). *La mente colorata*. Adelphi.
- Civitarese, G. (2008). *La violenza delle emozioni. Bion e la psicoanalisi postbioniana*. Raffaello Cortina.
- Chuster, A. (2011). *O objeto psicanalítico. Fundamentos de uma mudança de paradigma na psicanálise*. Edição do autor.
- Keats, J. (1975). Carta diário de fevereiro de 1819 a George Keats. In R. Gittings (Ed.), *Selected Letters of John Keats* (pp. 249-251). Oxford university Press.
- Poe, E. A. (1845). *O corvo* (F. Pessoa, Trad.). Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo
- Scappaticci, A. L. (2018). A autobiografia de Wilfred Bion. Psicanálise uma atividade autobiográfica. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), 229-242.
- Shelley, P. B. (2010). *Uma defesa da poesia e outros ensaios – 1792-1722*. Landmark.
- Trabucco, L. (2021). L'autobiografia e la poetica di Wilfred Bion, de A. L. Scappaticci. Disponível em: <http://aws.cdpd.it/index.php/2022/01/05/la-autobiografia-e-la-poetica-di-wilfred-bion-l-trabucco-a-l-scappaticci/>
- Williams, M. H. (2019). *The vale of soul making the post-kleinian model of the mind and its poetic origins*. Karnac. [O vale da feitura da alma. O modelo pós kleiniano da mente e suas origens poéticas. Blucher]
- Wordsworth, W. (1770- 1850). The prelude. In W. Wordsworth, *The Collected Poems of William Wordsworth* (Vol. 1, 401-492). Wordsworth.

Anne Lise Di Moisè Sandoval Silveira Scappaticci
annelisescappaticci@yahoo.it